



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**PAULO PRASS**

(Depoimento)

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-373

**Entrevistado:** Paulo Prass

**Nascimento:** 01/05/1965

**Local da entrevista:** Walea Canoas

**Entrevistadora:** Bruna Tomaschowski Perla

**Data da entrevista:** 02/12/2013

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 24 minutos e 43 segundos

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto Gaúchos(as) Olímpicos e Paralímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias desenvolvido pelo CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início da carreira esportiva; Influências para inserção no esporte; Situação do remo no Rio Grande do Sul na época em que iniciou; Relação com o Clube Grêmio Náutico União; Dificuldades com a distância do Rio de Janeiro; Experiência de ser técnico; Participação nos Jogos Olímpicos; Como chegou a participar dos Jogos Olímpicos; Intercâmbio; Classificação de um dos seus atletas para os Jogos Olímpicos de Sydney; Saída do Grêmio Náutico União; Satisfação de ter trabalhado com os atletas; Decepção após a participação dos Jogos Olímpicos; Considerações finais.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2013. Entrevista com Paulo Prass a cargo da pesquisadora Bruna Tomaschwski Perla, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.P. – Paulo, como foi a sua inserção no esporte. Você já iniciou no remo?

P.P. – Não, eu iniciei no judô. Sempre gostei de esporte, desde criança, mas eu iniciei no judô e eu fui graduando as faixas, e cheguei a ajudar o professor na época de judô a dar aula, a ser um monitor de aula e aquilo me agradou, gostei de dar aula para outras crianças, outras pessoas, outros jovens que treinavam comigo. Então no início foi no judô, que deve ter sido mais ou menos até os quinze anos, depois eu conheci o remo e fui para o remo.

B.P. – E quem influenciou na sua carreira no remo, parentes, amigos, professores?

P.P. – O primeiro parente foi o meu pai porque ele praticou remo e, depois, um amigo e um professor de escola. Esse professor de escola me convidou para remar; me convidou - na realidade não para ser remador - mas para ser timoneiro pela minha estatura, por ser pequeno e leve e ele que me colocou no remo. Eu te diria que o principal responsável foi o treinador, um amigo indicou, mas esse treinador que era meu professor de educação física na escola, o nome dele é Luis Lanes e ele acabou sendo meu primeiro treinador.

B.P. – Certo, e como era a situação desse esporte no Rio Grande do Sul na época?

P.P. – Na época o remo não tinha muito resultado, o remo teve uma época de resultados entre 1960 e 1973, nessas décadas ele teve um resultado bem expressivo nacional e internacional, agora nesse período da década de 1980, entre os anos de 1978 e 1986 o remo foi muito inexpressivo nesse período. Eu entrei justamente nesse período, período de 1983 que eu comecei a trabalhar com remo, mas eu comecei a remar em 1980 e eram muito inexpressivos os resultados, os resultados do Rio Grande do Sul no caso. Não se chegava a ter campeões brasileiros nesse período, era difícil, não era uma época boa do remo do Rio Grande do Sul.

B.P. – Certo, e dentro da sua carreira, teve relação com algum clube ou instituição, escola, universidade que considera importante?

P.P. – A relação principal é com o Clube Grêmio Náutico União. É toda a minha história de vida, é parte da minha formação, claro tem a formação da minha família, mas a minha formação profissional, envolvimento de responsabilidade, caráter, foi lá dentro porque eu fui muito jovem para lá, e eu tive uma orientação muito boa com a administração do clube. No remo, como era um cenário onde muitos dirigentes do clube freqüentavam o remo, teve três pessoas que marcaram muito esse período para mim e me ajudaram muito a aprender lá dentro, que era um administrador geral do clube que era o Wilson Nascimento, um diretor e vice-presidente de esportes que também me acompanhou por muito tempo, que era Rubens Bayard de Carvalho, esses dois que eu falei já faleceram, e um que a gente tem contato até hoje, que é um grande empresário, foi muitas vezes presidente do Grêmio Náutico União que foi quem me colocou quem me manteve no remo, técnico e que me colocou a oportunidade de por duas vezes ser gerente de esportes do clube, que foi Anton Karl Biedermann, mas então, como tu falaste de clube ou de instituição, para mim o marcante foi o Grêmio Náutico União, sem dúvida, que me abriu os caminhos.

B.P. – Quais as principais dificuldades na sua carreira, estando fora desse eixo Rio de Janeiro-São Paulo e se teve alguma outra dificuldade dentro do esporte?

P.P. – No início esse eixo complicou. Ficar fora de Rio e São Paulo, porque o grande destaque dos remadores era o Rio de Janeiro, nem era tanto São Paulo; era Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul tinha uma história de bons remadores, mas normalmente ele perdia os seus remadores para o estado do Rio de Janeiro, assim como vários esportes aqui do Rio Grande do Sul. Então foi muito delicado, mas o União, quando eu era professor de escolinha o União, contratou um treinador do Rio de Janeiro que foi um grande mestre, um grande incentivador na época que foi Arnaldo Brandt e eu coleí nele para aprender. Eu uso essa palavra porque realmente eu coleí para aprender e procurei aprender o máximo que eu podia. Eu acompanhava, na verdade eu era um auxiliar de garagem, eu não era um professor de remo ainda e eu dirigia a lancha para o treinador e ia aprendendo, eu coleí no treinador para aprender. Então estar fora desse eixo era um complicador, mas eu estava com um treinador que era do Rio de Janeiro e que tinha toda essa experiência, esse cenário

nacional e internacional. Então ele foi um primeiro passo, o primeiro mestre de grande resultado assim que eu posso te dizer que me abriu caminhos, depois vieram outros caminhos que significaram muito que foi o caminho quando eu viajei para fora, quando eu fui fazer os meus estudos internacionais.

B.P. – Quais momentos ou eventos da sua vida esportiva você destacaria?

P.P. – Eu destacaria a oportunidade de ser técnico do Grêmio Náutico União, técnico chefe de equipe, isso foi uma oportunidade muito marcante na época porque eu era muito novo, eu tinha vinte e três anos e era muito difícil o União aceitar um técnico tão novo como técnico de remo. Eles contratavam gente com muito mais experiência ou contratavam argentinos; o União tinha por tradição contratar argentinos, então, esses três homens que eu falei antes, eles quebraram essa barreira, eles resolveram apostar na oportunidade de um prata da casa, de uma pessoa que foi trabalhada dentro do clube e quem incentivou eles a dar seguimento a uma pessoa de dentro do clube que era um professor de escolinha, foi o Arnaldo, que estava saindo do clube e disse assim: “Não, vocês devem ficar com o Paulinho e não contratar argentino e não contratar um outro brasileiro, não, contratem ele que está aqui dentro”. Então para mim esse foi o ponto número um, o ponto marcante número um, essa oportunidade e que eu agarrei de uma forma mais profunda possível. Eu comecei a trabalhar como técnico de remo da equipe em 1988, no *site* estão os anos direitinho das etapas que eu comecei a trabalhar como técnico e, em 1989, eu já tinha barcos campeões brasileiros, já tinha barcos campeões sul-americanos e, em 1990, eu já ganhei vários outros brasileiros e 1990 para 1991 eu ganhei uma coisa que não se ganhava há muitos anos que era ganhar um campeonato todo do Rio de Janeiro, ganhar geral, coisa que eu acho que não se conseguiu ainda. Então para mim esse aspecto foi muito marcante, essa oportunidade de entrar.

B.P. – Bom, agora referente à ida para os Jogos Olímpicos, como foi sua participação nos Jogos Olímpicos?

P.P. – Jogos Olímpicos é assim. Eu, quando resolvi ser profissional de remo, botei uma meta na minha cabeça: eu queria ser um dos melhores do Brasil, não me contentava ser assim, treinador aqui com algumas vitórias em brasileiros ou alguma internacional de sul-

americano. Eu queria ser o melhor do Brasil! Se eu fosse o melhor do Brasil consequentemente eu estaria à frente da seleção brasileira e comandaria os Jogos Panamericanos, Sul-americanos e Olímpicos. Antes da Olimpíada eu cheguei a um Panamericano como treinador, mas a classificação olímpica foi muito importante e é um ápice muito legal como treinador; é indescritível isso, porque no Brasil chegar a ser técnico olímpico em esportes que não tem grande expressão, que não aparecem tanto na mídia, isso é mais difícil, tem vários treinadores, excelentes treinadores em vários esportes, eu conheço vários amigos, mas para mim isso foi muito significativo classificar em Atlanta e eu havia classificado um atleta em 1992 para Barcelona, o Otávio Bandeira<sup>1</sup>, mas não me classifiquei como treinador porque era só um atleta, mas para Atlanta eu classifiquei seis atletas que estavam sob o meu comando, e quatro deles eram aqui do Grêmio Náutico União e eu como treinador. Então isso foi um marco para o clube porque quebrar a hegemonia dos cariocas e colocar um treinador gaúcho a frente da seleção brasileira. Então isso para mim foi muito significativo. Além disso, a Olimpíada, eu sempre brinco, é uma guerra da paz. O que eu senti lá foi o seguinte: uma guerra, porque eu sou extremamente competitivo, os meus atletas levavam isso junto comigo, é normal do esporte de alto rendimento, mas tu estar em uma coisa que é uma guerra, que é uma disputa por uma colocação, mas que é todo mundo em paz e que tu senta para jantar, para almoçar, para tomar café com atletas de outros países, no mesmo lugar, onde tu pega o ônibus com outras pessoas de outros países, de outros esportes, gente com grande renome internacional. Tu está ali para brigar na competição, mas depois é tudo paz, então, eu considerei, eu fixei muito com isso, é uma guerra da paz, porque é uma luta, por uma coisa que é tranquila.

B.P. – E como foi a sua convocação para participar dos Jogos Olímpicos?

P.P. – Eu fui convocado pelo Comitê Olímpico uma vez que eu classifiquei seis atletas dentro do Brasil, na pré-seletiva nacional, depois na pré-seletiva Olímpica eu classifiquei dois barcos que compunha seis atletas, que era o *Four skif*<sup>2</sup> e o *Double skif*<sup>3</sup>. Como eu tinha a maioria dos remadores, o presidente da CBR<sup>4</sup> me convocou através do Comitê Olímpico para ser o técnico da seleção brasileira de remo. Então a gente recebe uma carta do Comitê

---

<sup>1</sup> Atleta olímpico do Remo.

<sup>2</sup> Embarcação com quatro atletas, cada atleta com dois remos.

<sup>3</sup> Embarcação com dois atletas, cada atleta com dois remos.

<sup>4</sup> Confederação Brasileira de Remo.

Olímpico que é assinada pelo Nuzman<sup>5</sup>, na época como presidente já e te convocam, eu tenho até hoje essa carta.

B.P. – Bom, quais experiências você considera mais importante para compartilhar referente aos Jogos?

P.P. – Como eu te falei, o mais importante é essa guerra, essa relação que tu tem com os atletas de outros países, o intercâmbio que se faz, porque a partir dos Jogos Olímpicos, antes dos jogos eu já havia feito alguns estágios fora. Em 1994 eu fui para a Alemanha, os Jogos Olímpicos que eu fui em Atlanta em 1996, em 1994 eu estive na Alemanha, em 1990 eu estive em Portugal, em 1995 eu voltei a Portugal, depois estive na Europa treinando, eu estive na Suíça, depois dos jogos eu fui fazer estágio com seleções internacionais, levei alguns atletas para fazer. Com os Jogos Olímpicos eu acabei conhecendo atletas medalhistas olímpicos e eu consegui trazer para treinar aqui com a gente no Grêmio Náutico União, e esse intercâmbio foi fabuloso, essa guerra toda gerou um benefício, uma guerra de benefício porque só tive benefício por esse intercâmbio. Eu me relacionava muito bem com atletas de outros países, tenho um amigo que era administrador de um centro internacional de remo, muito forte na Europa, em Sevilha na Espanha, onde eu estive treinando por muito tempo, então isso gerou um intercâmbio, um resultado, o meu estado mudou muito quando eu fui para fora e depois talvez eu te explique porque mudou muito.

B.P. – O senhor participou de mais e uma edição dos Jogos Olímpicos ale de 1996? Teve algo de diferente?

P.P. – Não. Teve um momento que foi um momento desagradável, que eu classifiquei um atleta, o único atleta de remo do Brasil para a Olimpíada de Sydney eu pré-classifiquei ele no Brasil e era certo que ele classificaria para a Olimpíada de Sydney. Só que, o que aconteceu, e aconteceu em todos os esportes... Era época que o Eurico Miranda do Vasco da Gama estava querendo montar uma super equipe no Vasco da Gama, ele tinha muito apoio de patrocínio, muito dinheiro, diziam na época e ele queria ter toda a equipe na sua mão. Essa pré-seletiva que eu te falei que eu classifiquei o único atleta, foi no Rio de

---

<sup>5</sup> Carlos Arthur Nuzman.



Janeiro e eu classifiquei em cima do Vasco da Gama, em cima Flamengo, em cima de todo mundo e o meu atleta ganhou, era melhor de três etapas e ele ganhou duas e tirou segundo na outra e o outro que tirou segundo era meu atleta também, era o segundo atleta daqui do União. O que gerou isso? Gerou um desconforto enorme o Eurico Miranda perder, ele apostou tudo no atleta dele e o meu atleta, o atleta do Grêmio Náutico União que era treinado por mim, os dois tiveram o melhor resultado na classificatória. Ele ficou louco, me abraçou lá no Rio de Janeiro, eu conheci ele muito pouco e ele disse assim: “Ah, vem para cá” e eu disse para ele que eu não iria para o Rio de Janeiro. Ele disse: “Ah, tu não vem, mas os teus atletas vão vir”. Eu já sabia disso, que eles iam assediando os atletas e isso era normal. Na época os meus atletas já eram profissionais e os atletas do Vasco da Gama também, só que para ele levar os atletas para lá ele fez uma oferta muito grande em dinheiro que era irrecusável para os atletas e houve um desentendimento meu com o presidente do União porque não segurou os atletas por um determinado período e o presidente me mandou embora. Ele teve razão até então, porque o desentendimento foi feio mesmo. Eu acho que ele estava certo quando me mandou embora, é um grande amigo meu, o Plínio Fraccaro, e ele me mandou embora, mas os atletas retornaram ao clube, eles foram para o Rio de Janeiro, fecharam contrato com o Vasco da Gama e o União buscou eles de volta. Só que nessa história eu fiquei abandonado dos Jogos Olímpicos, e o que mais me desagradou foi o seguinte: que mesmo eu tendo classificado esse atleta, mesmo eu não estando trabalhando no Grêmio Náutico União, o Comitê Olímpico e a Confederação Brasileira na época poderiam ter me convocado como técnico, e eu poderia ter ido e eles não convocaram por problema político, porque o União disse não, deixa ele fora e eu fiquei fora. Então eu estaria como técnico na Olimpíada de Atlanta, foi muito merecido o outro treinador que foi, porque o outro treinador é o José Ricardo Contiere, acho que vocês vão acabar entrevistando ele, pois foi a mais duas Olimpíadas; ele foi a mais Olimpíadas do que eu, ele trabalhava comigo com esses atletas, então convocaram ele, ele ficou no União e convocaram ele, foi muito merecido. Ele é um grande amigo e merecia também, mas na realidade quem iria como treinador era eu, então, essa foi uma decepção, uma decepção boa também porque mudou a minha vida e mudou para melhor.

B.P. – Bom, sobre a participação tem mais alguma coisa que gostaria de falar, dos Jogos, na preparação desses atletas?

P.P. – Dos Jogos é a satisfação de ter trabalhado com esses atletas que treinaram comigo, com todos na realidade, não só os dos Jogos, porque a gente por muitos anos ali se tornou uma relação muito boa, uma relação, uma família, muito forte. É claro que existia um respeito muito grande da hierarquia de treinador que eu aprendi isso muito fora, que para mim esse é um dos grandes problemas que a gente não tem resultado no Brasil: é a disciplina e a hierarquia porque eu aprendi isso fora e consegui trazer para cá e ter os resultados no remo por causa disso. Tenho certeza absoluta, e se eu não tivesse ido para fora eu não teria aprendido isso e não teria resultado e, então, o que eu tenho para falar disso é a satisfação de ter treinado esses atletas, de ter ido com outras pessoas, outros técnicos de outros esportes e ter compartilhado desse evento que é muito significativo.

B.P. – Qual a repercussão da participação nos Jogos Olímpicos na sua carreira?

P.P. – Pós-Jogos Olímpicos, olha só, eu te falei que eu queria ser o melhor treinador de remo do Brasil e eu fui na época. Eu tenho várias conquistas em brasileiros, várias conquistas internacionais. Para a minha decepção, logo após os Jogos Olímpicos, depois que eu fui demitido em 2000, porque eu não fui demitido após Atlanta, eu não consegui mais trabalhar com remo porque as propostas que eu tinha eram pequenas, foi uma só e era muito ruim, era aqui no estado, nem convém dizer o que era e os outros estados não houve propostas, então eu cheguei a pensar assim: “Não, vai ver que eu era muito ruim”. Mas pelo que eu soube eram problemas políticos, porque eu era muito rígido em disciplina, muito rígido, e o pessoal do Rio de Janeiro não tolerava muito isso. Essa é a informação que eu tenho, tu está escutando de mim, não sei o que que eles... Essa é a informação, então, foi uma decepção na minha saída do remo, e por outro lado foi muito bom, porque eu fui buscar outras coisas. Eu sai em 2000 e montei uma empresa de administração esportiva, eu virei empresário, eu sai de empregado de um clube que eu trabalhei muitos anos, me tornei empresário, fui fazer o meu próprio negócio, patinei dois três anos para desenvolver meus negócios. Depois, que eu montei uma marina de guardaria de lanchas em um primeiro momento, em 2003, eu dava algumas assessorias esportivas para alguns clubes e no final de 2003 para 2004 eu voltei para o Grêmio Náutico União como gerente de esportes, mas com a minha empresa prestando serviço. Na época o presidente era Carlos Pipi da Mota, tanto que foi uma satisfação também enorme entrar com ele, quem

me indicou foi o Anton Karl Biedermann, foi na época da ascensão da Daiane<sup>6</sup>, aquele período e eu também participei de uma sociedade com outros dois amigos em uma loja de turismo e câmbio no aeroporto, que foi onde eu trabalhei até o ano passado. Desenvolvi outra empresa.

B.P. – E qual o significado para o esporte do Rio Grande do Sul a sua participação?

P.P. – Não sei, não sei. Não tenho como te dizer o significado. Não sei porque, embora o remo seja tradicionalmente muito importante para quem pratica, sendo um esporte super completo tudo, na realidade ninguém conhece. Então o significado disso para o Rio Grande do Sul eu não sei te dizer, eu acho que tem mais significado para mim do que para o Rio Grande do Sul, entendeu? Não acredito que isso tenha repercutido com tamanha importância.

B.P. – Bom, o senhor sempre atuou aqui no Rio Grande do Sul?

P.P. – Sempre. Eu fiz trabalhos com a seleção no Rio de Janeiro e São Paulo quando era convocado, mas o único clube que eu trabalhei no remo foi o Grêmio Náutico União.

B.P. – Pensando nos objetivos na nossa pesquisa, que é analisar a participação gaúcha nos Jogos olímpicos, gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema, sobre sua vida após os Jogos, ou mesmo se tem alguma parte que a gente não contemplou?

P.P. – Como eu tinha uma ambição muito forte de ser um dos melhores treinadores do Brasil, quando eu conquistei isso eu queria um pouco mais: eu queria ser um treinador internacional renomado, e isso eu não consegui. Faltou um seguimento na carreira, faltou informação, faltou mais aprendizado, mais cursos, mais intercâmbio, muito trabalho pela frente, isso leva um bom tempo. Eu fui para a Olimpíada com trinta anos, fui até muito jovem, eu te diria que eu teria que ter mais uns vinte ou trinta anos trabalhando, talvez se eu seguisse trabalhando naquela época até agora, hoje eu tenho quarenta e oito anos então talvez eu tivesse conseguido algum resultado expressivo, mais forte internacional, o que eu estou dizendo é Mundial e Olímpico. Sul americano e Panamericano eu consegui medalhas

---

<sup>6</sup> Daiane dos Santos, atleta da ginástica olímpica.

de prata, medalha de ouro em Sul-americano, isso foi bem bom, mas existia um querer algo a mais, que era querer estar em uma final Olímpica, querer estar em uma medalha olímpica e isso eu não tive. Eu abandonei o esporte, o esporte me abandonou, mais precisamente foi junto o negócio, então, eu não tive oportunidade de desenvolver esse objetivo que existia na época. Eu não me arrependo de nada do que eu fiz, não fiquei frustrado porque eu não consegui isso, só que era uma meta, hoje eu não penso mais em trabalhar como técnico de remo, nem penso mais em voltar a esporte de alto rendimento. Hoje eu quero fazer esporte de recreação e lazer.

B.P. – Bom, o Centro de Memória agradece a tua participação para o nosso projeto e acho que era isso. Obrigada.

P.P. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]